

# Ética, escuta e emissão: o papel do músico na ecologia sonora

## Comunicação

Juliana Carla Bastos  
Universidade Federal do Piauí / Universidade Federal da Paraíba  
julianacarlabastos@gmail.com

**Resumo:** A produção acadêmica sobre aspectos sonoros do ambiente é ainda tímida se comparada a investigações de outros elementos ambientais. O objetivo deste trabalho é apresentar a discussão analítica inicial sobre o referencial teórico da área de Música com fins de compreender o estado do conhecimento produzido acerca de questões e aspectos éticos relacionados ao som. A metodologia contemplou uma abordagem qualitativa dos textos, baseada em três pressupostos teóricos: a premissa de que a música e o som atuam como espelho dos anseios de uma sociedade, demonstrando que cultura e música, muitas vezes, atuam como sinônimos; a ideia de ecosofia, uma ecologia profunda que alia sabedoria ao meio ambiente; e o entendimento de ética a partir da Doutrina da virtude kantiana, revisitada por Max Weber na ética da responsabilidade, e da ética da contemporaneidade, esta com parâmetros muitas vezes estabelecidos com base no direito material. Os textos ressaltam a visão holística acerca do som, a ideia de que o ruído, o eco e a reverberação podem sugerir poder em determinados contextos, a escassez de publicações que problematizem a postura ética do ouvinte e do emissor dos sons do mundo, o grande problema que se tornou a poluição sonora, a necessidade de ouvir o ser humano, a urgência que temos, como sociedade, de reaprender a lidar com o som de forma positiva e o papel fundamental do músico nessa retomada.

**Palavras chave:** Etnomusicologia; Educação Musical; Som; Ética Sonora.

## Apresentação

A produção acadêmica sobre aspectos sonoros do ambiente ainda é escassa se comparada a investigações dedicadas a outros elementos ambientais como fauna, flora, destino de detritos ou qualidade da água. Tal afirmação, já sinalizada por alguns autores, é ratificada no presente trabalho, fruto de tese doutoral<sup>1</sup>. Neste artigo, o objetivo é apresentar a discussão

---

<sup>1</sup> A escrita da tese intitulada “Ética sonora: o que é e como se manifesta na sociedade?” encontra-se em andamento no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba. Na tese, que procura compreender e definir o que é e como se manifesta a ética sonora na cidade de João Pessoa, foram definidas três ações: (1) estabelecer

analítica inicial sobre o referencial teórico da área de Música com fins de compreender o estado do conhecimento produzido acerca de questões e aspectos éticos relacionados ao som.

## Metodologia

A metodologia foi uma abordagem qualitativa dos textos no sentido de constituir uma trama teórico-metodológica que saliente relações dialógicas e conceituais (LAKATOS & MARCONI, 2010). São três os pressupostos teóricos que fundamentam tal discussão. O primeiro parte da premissa de que a música e o som atuam como espelho dos anseios de uma sociedade (MERRIAN, 1964), demonstrando que cultura e música caminham transversalmente e, muitas vezes, atuam como sinônimos. O segundo é a ideia de ecosofia, uma ecologia profunda que alia sabedoria ao meio ambiente. Essa ampliação foi dada pelo filósofo Arne Naess como uma crítica à ecologia rasa, que entende o homem como parte integrante e não dominante da natureza, e esta como provedora não cíclica para o ser humano (DIAS, 2000, citado por FRANÇA, 2011, p. 31)<sup>2</sup>. O terceiro parte da Doutrina da Virtude kantiana, revisitada por Max Weber na ética da responsabilidade (PAIM, 2002; KANT, 2004; MARCHIONI, 2010), que procurou demonstrar a relatividade entre as ‘verdades’ dos vários homens do mundo propondo um modelo ético pautado num “indivíduo situado em seu tempo e, sobretudo, pertencente a uma nação” (PAIM, 2002, p. 142). Neste sentido, a ética da contemporaneidade tem seus parâmetros muitas vezes estabelecidos com base no direito material, “nivelando para baixo as relações morais, fundamentadas apenas em princípios referenciados naquilo que ‘é permitido’ ou ‘não é permitido’” (BAUMAN, 1998 citado por SILVA,

---

relações entre o que se tem publicado sobre som e meio ambiente na área de Música, especificamente, e também em áreas afins; (2) compreender as vivências dos sujeitos a serem investigados; e, com isso (3) visualizar as relações analíticas dos aspectos demonstrados pelos dados quanti e qualitativos. No presente trabalho, nos ateremos à primeira.

<sup>2</sup> DIAS, G. F. **Educação Ambiental princípios e práticas**. 6. ed. rev. e amp. São Paulo: Gaia, 2000.

2013, p. 54)<sup>3</sup>. Transpondo a discussão para o âmbito do sonoro, por *ética sonora* entende-se, até o momento, como sendo o conjunto de entendimentos e ações sonoras que delineiam as ideias de virtude e felicidade transpostas em poder e diversão que, somadas, articulam a noção de qualidade de vida de determinado contexto.

Com base nestes pressupostos, partindo de uma tabela que categoriza os trabalhos do referencial teórico da tese, foram selecionados para este artigo os que tratam diretamente da responsabilidade ética do músico e os que propõem a análise da música sob abordagem ecológica.

## **Som e Ética: teor, foco, inter-relações e possibilidades sinalizadas por publicações da área de Música**

O primeiro trabalho analisado traz tal possibilidade de abordagem traduzida na necessidade de ampliar o olhar sobre a música como mais do que uma entidade completa e auto-suficiente. O artigo *On the ecology of music* (ARCHER, 1964) foi publicado na revista *Ethnomusicology* há 52 anos e um dos primeiros a apontar o público como parte integral não-passiva do ato musical e a noção de universalidade da música em si como fenômeno que provavelmente exista em todo lugar, e que deve ser entendida geográfica, social e culturalmente<sup>4</sup>. Tal como a linguagem, a exaustiva exposição à música pode levar à aprendizagem através da vastidão de manifestações musicais existentes e das instruções sobre como, onde e por que ouvi-las. Os contatos interculturais, que na época ainda tinham um rótulo de exotismo, são manifestos de mudança educacional, social e populacional. Archer percebeu com décadas de antecedência o que alguns desses caminhos em início de exploração poderiam nos mostrar, e o fez na proporção possível do que o olhar de seu tempo alcançava, considerando-se

---

3 BAUMAN, Zigmund. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

4 Semelhanças à parte, não confundir com a famigerada ideia de que a música é uma linguagem universal. Essa premissa foi difundida inicialmente pelo poeta e educador norte-americano Henry Wadsworth Longfellow, e entendida sob diversas perspectivas, dando margem inclusive para a ideia de que todas as pessoas do globo entenderiam uma mesma música sob os mesmos referenciais.

que, na época, a ciência ainda tinha forte influência de técnicas metodológicas das ciências exatas e a Antropologia ainda buscava maior consolidação epistemológica.

Schafer, talvez o autor mais conhecido quando se fala em relações entre som e meio ambiente, cunhou o conceito de paisagem sonora - tradução do termo *soundscape*, analogia com *landscape*. “O termo pode referir-se a ambientes reais ou a construções abstratas, como composições musicais e montagem de fitas, em particular quando consideradas como um ambiente” (SCHAFER, 2001, p. 366). Todo o estudo proposto por Schafer tem como objetivo anteceder a ideia de projeto acústico, que busca o resgate de uma cultura auditiva significativa, idealmente controlada por todos, e não imposta de cima. Ao ler os livros *O ouvido pensante* (1991), *A afinação do mundo* (2001), e *Educação sonora* (2009), fica claro que sua obra trata a questão sonora em seus âmbitos diversos, com uma amplitude de olhar que extrapola a visão do “precisamos resolver o problema da poluição sonora”, indo além das medidas de coerção e considerando o som como parte fundamental da sociedade e grande influenciador de convivência, interesses, saúde e bem-estar. Nesta discussão, o compositor musical tem papel fundamental, porque cabe a ele “planejar efeitos destinados a provocar respostas específicas nos ouvintes” (2001, p. 288), embora não seja comum ouvir falar deste profissional atuando na discussão de responsabilidade pelo tema, por inexperiência ou por hedonismo mesmo. A tese de que a paisagem sonora do mundo está em colapso é bastante difundida por Schafer. Na falta do entendimento de que é necessário tanto silenciar quanto produzir som, chegou-se a um estado de cacofonia, resultado de uma sociedade que trocou os ouvidos pelos olhos ao mesmo tempo em que desenvolveu devoção pelas máquinas. A obra de Schafer influenciou inúmeros trabalhos, tanto como base conceitual quanto como material para críticas negativas. O autor é considerado por alguns como um sonhador utópico que idealiza, mas não consegue dar à sua obra a concretização do projeto acústico que tanto anuncia, embora ele próprio tenha sinalizado em

sua obra que pararia neste ponto e que a tese que deixou pronta foi somente a primeira, dos estudos de ecologia acústica. A segunda, de pensar o projeto acústico mundial, foi um convite dele a todos nós.

O estudo baseado em ecologia sonora pode, às vezes, ser necessário como postura política diante de etnocentrismos detectados entre algumas investidas etnomusicológicas. Partindo de uma visão kantiana, sob a qual todo conhecimento começa na experiência, o artigo *Echo-muse-ecology* (FELD, 1994) discute o estudo do som como sistema simbólico, aplicando-o a um trabalho etnográfico com os Kaluli<sup>5</sup> nos anos de 1976 e 77. Feld interessou-se pelo estudo de linguagens e tradições orais por perceber que estavam sendo ofuscados por agendas estéticas e políticas. Tais tradições se mostravam na expressão vocal ritualizada, principalmente nos sons de prantos funerários das mulheres e nos sons poéticos dos homens que faziam a audiência ir às lágrimas<sup>6</sup> - “uma ecologia local de vozes na floresta”. Som é memória, e para os Kaluli, é sempre sobre memória, ausência e presença, sons da floresta revelando o que a visão não vê. Por conta da observação cuidadosa e encharcada de respeito pelo contexto de pesquisa, o texto de Feld é um documento ecológico de grande importância, pois, apesar de estar amparado pelas ferramentas acadêmicas que possibilitam a divulgação formalizada de uma cultura, não é de livros que partem os conceitos apresentados, mas do contexto que surgem os desdobramentos importantes de serem mencionados. Por necessitar de amplitude de olhar e de epistemologia conectora entre as áreas citadas é que Feld, assim como muitos autores, mescla discussões de diferentes áreas do conhecimento.

Outras abordagens do som na vida do homem como a mitológica ou a filosófica também podem nos fazer pensar sobre funções sonoras no mundo concreto atual. Em *Música e meio ambiente: a ecologia sonora*

<sup>5</sup> “Bosavi kalu” é uma designação coletiva de quatro grupos de horticultores que vivem na floresta tropical de Papua Nova Guiné. Dos quatro grupos (Kaluli, Orogo, Waluli, and Wisaesi), os Kaluli são os mais numerosos (Fonte: **Página da Divisão de Ciências Sociais da UCLA**. Acesso em 07 /jun/2016. Disponível em: <<http://www.sscnet.ucla.edu/anthro/faculty/fiske/135b/kaluli.htm>>).

<sup>6</sup> Essa etnografia do som foi apresentada no livro *Sound and sentiment: birds, weeping, poetics and song in Kaluli expression*, 1982, University of Pennsylvania Press; expanded second edition, 1990.

(FONTERRADA, 2004), a função criadora do som é representada pelos mitos que dele se utilizaram na origem do mundo através do proferimento de palavras, muitas vezes mágicas, que deram origem às coisas. Assim, a frase “no princípio, era o verbo”<sup>7</sup> modifica-se para “no princípio, era o som”, eis que dele próprio dá-se corpo sonoro ao verbo. Tal entendimento também está na relação entre os primeiros homens e os fenômenos sonoros da natureza, relacionados a uma força divina. Na visão ecológica, entende-se que o que há no mundo, há na música. São estéticas sonoras que informam sobre os sons do mundo, da aceitação e negação deles na sociedade e da presença massiva que têm em nossos cotidianos. A consciência ambiental faz com que as pessoas se sintam inseridas e, de forma circular, vivam suas vidas dando sentido ecológico a algumas de suas escolhas. A falta desta consciência as leva a retirar do meio ambiente, sem repor, o necessário para a sobrevivência, gerando dejetos que não poderão ser circularmente reabsorvidos (CAPRA, 2002 citado por FONTERRADA, 2004, p. 40)<sup>8</sup>. Fonterrada evidencia a escassez de trabalhos brasileiros sobre o som ambiental, o pouco espaço de divulgação nacional nos programas governamentais, as menções quase que totalmente negativas e ações quase sempre restritivas combinadas à ausência de fatores educacionais e conscientizadores. Dentro deste tímido grupo, não faz menção a produções de músicos. De maneira geral, englobando diversas áreas do conhecimento, Fonterrada destaca que “é como se a área ainda precisasse ser criada no país” (2004, p. 62).

O som está em quase tudo, pois o ar é o veículo das ondas sonoras. O holismo coloca todos os seres como parte do meio ambiente. França apresenta no artigo *Ecos: Educação Musical e meio ambiente* (2011) um trabalho sobre holismo e sobre a conexão entre os seres, os meios e as coisas. A autora contribui para a discussão ampliando as informações sobre políticas de educação ambiental. Antes restrito à ideia de biodiversidade e

---

7 Bíblia, Evangelho de São João, Novo Testamento.

8 CAPRA, Fritzjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

sistemas vivos, o termo educação ambiental passou a contemplar também processos de construção de valores, ética, valorização de cultura e qualidade de vida desde a década de 1970. Após, foi ampliado para ecosofia (ecologia profunda), que significa sabedoria ligada ao meio ambiente. Essa ampliação foi dada pelo filósofo Arne Naess como uma crítica à ecologia rasa, que entende a natureza como provedora não cíclica para o ser humano (DIAS, 2000, citado por FRANÇA, 2011, p. 31)<sup>9</sup>. De caráter político primordial no momento que atravessamos, França toca em pontos sensíveis da carreira do músico, seja ele docente ou performer, a partir de três eixos intercomunicantes que tratam da interdisciplinaridade entre Meio Ambiente, Ciências, Geografia, História e Música para estudar questões acústicas, tecnológicas, ou de repertório, por exemplo; corroboram as afirmações schafferianas sobre a preocupação envolvendo a negligência diante da poluição sonora; e mencionam a tênue capacidade de fruir uma interpretação pessoal que o compositor deposita na obra musical, aproximando. Educação Musical e Educação Ambiental. Um artigo curto, que apenas tangencia reflexões pertinentes, mas que, por conta do alto grau de clareza imprimido pela autora à discussão, descortina um panorama de coerência do qual não se pode escapar. Nesse sentido, transparece aqui a reflexão sobre o isentar-se, como músico, da responsabilidade para com o sonoro.

O livro *Uma ecologia para o som: do rito ao rush* (CONSTANTINO, 2014) apresenta transdisciplinarmente um “fio condutor sonoro” de linhas de investigação diversas sobre o som ambiental. Do olhar psicoacústico, surge a ideia de diferir os atos de ouvir - utilizar biologicamente o aparelho auditivo, e de escutar - vai além, conferindo concentração e interesse por parte do receptor. Do lado emissor, consciência do dever e, do receptor, entendimento do direito. Iniciativas de empoderamento assim podem ser observadas na carta acústica<sup>10</sup>, documento que diagnostica a situação da

---

9 DIAS, G. F. **Educação Ambiental princípios e práticas**. 6. ed. rev. e amp. São Paulo: Gaia, 2000.

10 No Brasil, Fortaleza é a única cidade a possuir uma.

paisagem sonora de um lugar (idem, p. 125). A importância da atuação do músico no estudo do som ganha destaque, para além do som-música (CONSTANTINO, 2014, p. 61, 64, 102, 119), passando também por desdobramentos do silêncio, considerado negativo e atrelado aos sentimentos de solidão, abandono ou até mesmo morte por muitos (CONSTANTINO, 2014, p. 66; SCHAFER, 1991, p. 71), e do volume associado também a questões estéticas. Não é de fácil aceitação para a categoria a ideia de que o ruído de uma britadeira e uma sinfonia, ambos em 100 dB, devam ser analisados sob os mesmos parâmetros de saúde pública (UALFRIDO DEL CARLO citado por OLIVEIRA, 1989)<sup>11</sup>. Aqui, a ideia de que som é poder aparece quando termos como território, espaço, região, lugar, entre outros, são utilizados para se referir a onde se está, de onde se sai e para onde se vai, considerando que os anseios humanos da segurança (lugar) e da liberdade (espaço) estão ligados ao primeiro e desejosos do segundo (TUAN, 1983, p. 3,61 citado por CONSTANTINO, 2014, p. 149)<sup>12</sup>. O trabalho de Regina Constantino estabelece relações importantes entre o olhar do geógrafo sobre o espaço e do músico sobre o som e constitui-se num esforço que tem se tornado comum: estudos de outras áreas que elucidam questões sonoras que poderiam ser estudadas, analisadas e complementadas por nós, músicos.

Do campo da ecologia acústica, o estudo *Paisagem sonora: um estudo da voz humana como símbolo sonoro* (MIGUEL, 2012) procura entender como as pessoas se relacionam com o som da voz humana em meio a outros sons, de que maneira esse som poderia ser tomado como um evento sonoro simbólico e qual a consciência que os indivíduos poderiam ter disso. Para responder, baseou-se em dois conceitos de Schafer: Respeito pelo ouvido e pela voz; e Consciência do simbolismo sonoro (SCHAFER, 2001, P. 330). Com um levantamento de dados feito através de mapeamento sonoro com base em gravações e, depois, com base em questionários,

---

11 Ualfrido del Carlo era, na ocasião desta entrevista, diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

12 TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

emergem dados significativos como, por exemplo, o fato de acharmos que o ambiente é mais silencioso do que é de verdade, já sinalizado por Schafer (2001, p. 292). Das reflexões, destacamos as seguintes: o som não faz sentido se não está na memória auditiva, hoje, para muitas pessoas, fornecida em grande parte pela indústria fonográfica e midiática em geral. A voz no Jardim Utinga tende a assumir um caráter preponderantemente utilitarista e sinalizador de ações cotidianas como vender pão ou ser o *nóia* que passa gritando de madrugada. Os indivíduos do bairro percebem os sons vocais do outro, mas não os seus próprios, o que denota uma atitude individualista que impede a discussão sobre equilíbrio sonoro. A maneira como o autor dividiu a apresentação dos dados otimizou as possibilidades de análise através de uma maior flexibilidade reflexiva quanti e qualitativamente, o que possibilitou uma discussão bastante consistente sobre o papel que o som assume numa comunidade.

## Considerações

Sejam humanas, físicas, psicológicas, afetivas, e de muitas outras naturezas, as relações tecidas e mantidas com a música estão presentes de forma tão intrínseca e aural nas pessoas que, em alguns momentos, não se consegue nem nomeá-las. Nesse cenário, é preciso admitir a existência de relações ético-sonoras permeando tais interações, para então partir para iniciativas de compreensão dessa ética.

A característica mais evidente dos trabalhos apresentados aqui é a visão holística acerca do som. As obras não tratam somente do que é rotulado como “musical” em cada contexto pesquisado, relegando a música a um produto isolado, o que poderia inclusive descaracterizar o fenômeno musical; mas interessam-se pelo som e suas implicações em âmbitos diversos da vida. Demonstram preocupação com a história desses sons para entendê-los no presente e para vislumbrá-los adiante. Não podem ser enquadrados, nos diversos segmentos de estudo da Música, como trabalhos apenas históricos, apenas cognitivos ou apenas de cunho educativo. O que

os une é o entendimento de que o pensamento ecológico não só está dialogicamente conectado às manifestações sonoras e de que é necessário um extrapolamento de fronteiras que, sob a perspectiva humana desses investigadores, sempre existiu na prática, mas ainda é negligenciado na academia. Por mais clichê que possa soar, música é vida!

Outro aspecto bastante evidente é a ideia de que o ruído, o eco e a reverberação podem sugerir poder em determinados contextos. Schafer, Constantino e Fonterrada são enfáticos ao sinalizar a relatividade de definição que os termos “ruído” e “música” assumiram no decorrer da história, e defendem uma revisão etimológica urgente para, quem sabe, em algumas gerações, dirimir as questões culturais surdas dessa história. Surdas porque são questões que existem e nos impactam cotidianamente de formas boas e ruins e muitos de nós não sabemos como nem porquê, pois não estamos munidos das ferramentas para colocar essas questões num plano mais palpável de entendimento e resolução. Embora o som seja amoral, ainda não sabemos como dar-lhe o uso que desejamos para sair de um panorama de violência e contaminação acústica e chegar a um patamar de sustentabilidade acústica. As soluções apontadas pelos autores vão desde a prática constante do exercício de limpeza de ouvidos, passando pelo exemplo das cartas acústicas que já existem em diversas cidades do mundo à noção de paisagem sonora como patrimônio cultural.

A questão da ética constitui uma lacuna importante pela maneira como ela é tratada. Faltam publicações que problematizem a postura ética do ouvinte e do emissor dos sons do mundo, dando conta de expor e discutir entendimentos aprendidos, consolidados, praticados e negados diante do som ambiental e descortinando o que importa eticamente para esses atores quando o assunto é som. Tal carência de investigação pode ser o gatilho que dispara a questão ética do som direto da ocorrência para a coerção, sem passar por debate mais aprofundado que possibilite soluções não paliativas.

As tendências para pensarmos música e ecologia delineadas por estes trabalhos apontam para duas frentes: o grande problema muitas vezes

inominável que se tornou a poluição sonora e a necessidade de ouvir o ser humano. Tanto autores que estudam o som a poucos meses quanto os que falam dele a décadas apontam a dificuldade da discussão e vemos claramente uma maioria esmagadora de declarações sobre o aspecto negativo dele. Mesmo as iniciativas longas, como as de Schafer, concluem que, enquanto não conseguirmos nomear e nos referir adequadamente aos sons e seus efeitos em nós, a poluição sonora continuará acontecendo com considerável liberdade sob o mote do progresso, da urbanização ou da alegria de festas. Por esses motivos, a outra frente aparece: ouvir o ser humano significa que, quando ele fizer um som, é bom que estejamos atentos. Quando dentre os sons, ele disser “Isso é música!”, que possamos ter a felicidade de compreender, ou de ao menos respeitar. Quando ele falar sobre a teia de significados contida num evento aparentemente desvinculado do aspecto sonoro, que sejamos humildes para nos despojar de quaisquer julgamentos acadêmicos, religiosos ou morais. Para pensarmos em relações ecologicamente musicais e musicalmente ecológicas, necessitamos de adequabilidade etimológica para os sons e seus efeitos, e, principalmente, de empatia.

O aumento das discussões que levam à ampliação do olhar científico sobre uma visão ecológica da música constituem importantes avanços, mesmo que ainda com caráter de assepsia sonora predominante, o que evidencia nossa enorme necessidade de falar séria e constantemente sobre o som de forma ampla, isto é, dando aos aspectos positivos vez e voz. Contextualizar o assunto vai instrumentalizando as pessoas a pensarem sobre ele e estimula nelas a consciência acerca do que ele é, do que elas querem em relação a ele e de como podem munir-se de ferramentas para realizar o que julgam adequado. Essa preocupação aparece traduzida na importância do papel do educador musical que, ainda hoje no Brasil, tem sua formação consolidada historicamente sem uma sólida abordagem sobre ecologia sonora, na qual se enquadra a complexa questão da poluição. Sendo o homem apontado nesta análise como o centro das catástrofes e

crises ambientais hoje, fica evidente a responsabilidade de profissionais que tratem dos aspectos ecológicos, dentre eles, o músico em sua ampla gama de possibilidades. Tais constatações representam maior tomada de consciência, constituindo aos poucos na mente das pessoas a importância de uma etnologia do som. Ela também se observa na ampliação do termo educação ambiental para ecosofia, ou seja, ter noção do sistema no qual estamos inseridos e de que tudo o que produzimos e recebemos dentro dele se encontra em processos cíclicos.

Sabendo que os avanços demonstrados referem-se grande parte ao auxílio mútuo entre as áreas, o que ainda nos limita é justamente a visão hegemônica da música como entretenimento, por um lado, e da ciência musical como responsável basicamente por aspectos técnicos de aprendizado instrumental, por outro. Embora algumas publicações demonstrem ressignificação de tais visões em ritmo crescente, a discussão do som se dá de forma não holística, acreditando que o fenômeno musical pode ser explicado sob um prisma de preceitos estanques ou, no máximo, contando com pequenas contribuições (contaminações?) de outras áreas, o que nem sempre dá conta do recado. Esta incoerência sinaliza a tendência do diálogo transdisciplinar, que preocupa-se com o fenômeno e não com a área do conhecimento que o abrigaria. Sem desconsiderar as fronteiras científicas necessárias para delimitação metodológica e epistêmica, a questão aqui é perceber que os limites que impossibilitam uma questão de ser estudada dentro de determinada área são um indicativo de que, tal como a vida, interligada em seus âmbitos pessoal, profissional, social, filosófico, as questões de pesquisa necessitam ir até onde querem ir, extrapolando fronteiras que não são, na verdade, isoladas.

Outro ponto importante é a necessidade que temos, como sociedade, de reaprender a lidar com o som de forma positiva. O que temos hoje são grupos de profissionais que se especializaram em trabalhar com pedaços de significado de som. Se bonito e agradável, ainda que com mil ressalvas do que isto signifique, é papel do músico. Se desagradável e poluente, é papel

do médico ou do policial. Se indesejável ou passível de mascaramento, fica a cargo do arquiteto e do engenheiro. Essa fragmentação dificulta uma discussão efetiva sobre efeitos do som no ser humano, porque não há consenso em relação a muitas nuances básicas de algo que está presente o tempo todo, em todo lugar, da rua à cama, mesmo que não se queira.

De forma franca, constata-se nesse cenário que a produção relacionada diretamente à ecologia sonora no âmbito da música é ainda embrionária, sobretudo no Brasil, e que a responsabilidade ética que cabe ao músico é discutida de forma ainda muito rasa. Apesar das investidas dos autores no âmbito acadêmico, quando observadas a aplicabilidade social, o assunto ainda desemboca e converge para uma ênfase demasiada do aspecto negativo do som. Mesmo os autores que trazem um olhar relacionado a hábitos diversos da história da humanidade ou aspectos antropológicos e sociológicos acabam diante de uma espécie de rendição ao aspecto negativo do som, o qual parece ainda ser o único a surtir efeito em âmbito legislativo e em investidas que querem se chamar “educativas”, mas que são ações paliativas e/ou sem continuidade. Neste cenário, o aumento tímido da produção, demonstra que há sim crescimento do interesse em ressignificar essas ações, ampliando-as justamente para que extrapolem a discussão que ainda se mantém no campo das dimensões físicas e coercitivas relacionadas, grande parte, à poluição sonora apenas. Daqui para frente, resta saber se estes desdobramentos sinalizarão aonde ética, escuta e emissão sonora se encontram.

## Referências

ARCHER, William Kay. On the Ecology of Music. In: **Ethnomusicology**, Illinois, 1964, n. 1, v. 8, p. 28-33. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/849769> . Acesso em: 09 abr. 2015.

CONSTANTINO, Regina. **Uma ecologia para o som: do rito ao rush**. Londrina: o autor, 2014.

FELD, Steven. From Ethnomusicology to Echo-Muse-Ecology: Reading R. Murray Schafer in the Papua New Guinea Rainforest. In: **The Soundscape Newsletter**, n. 8, jun 1994.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Ecos: educação musical e meio ambiente. In: **Música na Educação Básica**, v. 3, n. 3, p. 28-41, 2011.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente: a ecologia sonora**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Versão para eBook. Digitalização da edição em papel da Edições e Publicações Brasil Editora S.A., São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/razaopratica.html>. Acesso em: 10 set 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório**. 7. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCHIONNI, Antonio. **Ética: a arte do bom**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MERRIAN, Alan. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MIGUEL, Fábio. Paisagem sonora: um estudo da voz humana como símbolo sonoro. 2012. 316 f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo.

PAIM, Antonio. **Tratado de Ética**. Rio de Janeiro: Edições Humanidades, 2002.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. Tradução de Marisa Trench Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **A afinação do mundo**. Tradução de Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação sonora: 100 exercícios de escuta e criação de sons**. Tradução de Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

SILVA, Paulo Fernando da. **Conceito de ética na contemporaneidade segundo Bauman**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.